



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

DISCIPLINA DE METAFÍSICA – RESUMO DAS AULAS

[08/04/2011]

AULA 07, Lição V: EXPOSITIVA:

II. A Epistème clássica: Prima Philosophia sive Theologia

4. A fundação platônica da Metafísica e sua delimitação aristotélica

MP3

§1

Nesta sétima aula iniciamos um novo tópico de nosso Curso, a saber: *II. A Epistème clássica: Prima Philosophia sive Theologia*. Nas aulas anteriores apresentamos a chamada *Epistème clássica* enquanto “a concepção a mais abrangente que, como tal, determina o modo próprio da investigação científica” nos quadros do pensamento antigo-medieval em geral e, em especial, particularmente no caso da Metafísica, apresentando-se sob os *paradigmas* ou *tipos ideais* do *Uno*, da *Substância* e do *Esse*. Em vista de tal *epistème* e de seus respectivos paradigmas, a Metafísica será aqui apresenta, no que tange à sua determinação histórico-sistemática nos quadros do pensamento antigo-medieval, como uma *Filosofia primeira* ou enquanto *Theologia* – justificando assim a equação: *Prima Philosophia sive Theologia*.

Aproveitamos este momento inicial para lembrarmos também que, de fato, em sua aurora, não é senão a Metafísica que se apresenta como *Filosofia primeira* e não o contrário, como quer, por exemplo, entre outros, Karl-Otto Apel (2002, p. 1ss). Inversamente ao ponto de vista aqui a ser apresentado, Apel entende a Metafísica (entendida como *Metafísica Geral* ou *Ontologia*, a chamada *Metafísica ontológica*) como um paradigma da *Filosofia primeira* – algo estranho não só a Aristóteles, mas também a todo o pensamento antigo-medieval.¹ De

¹ Sobre o que seria a primeira parte desta confusão da Metafísica antigo-medieval, aqui entendida como a Metafísica clássica, com a Metafísica geral ou ontológica, aqui entendida como tradicional, veja-se: PHILIP MERLAN, **Dal Platonismo al**



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

acordo com o seu próprio ponto de vista, Apel (2002; 1993) assume o ponto de partida do pensamento moderno, mais especificamente o da Filosofia transcendental kantiana, esse que põe no lugar da Metafísica (tomada enquanto uma das formas possíveis – no caso como a forma ingênua – da Filosofia primeira) nada mais que uma *Teoria do Conhecimento*, a qual assumirá então o lugar da Metafísica, sendo portanto entendida como Filosofia primeira; isso, no sentido de que não mais designa a *Ciência a mais elevada*, mas antes a *Ciência fundamental* que, como tal, é subjacente às outras ciências – o que, não obstante, não impede a Teoria do Conhecimento de ser substituída pela Filosofia transcendental da Linguagem como a mais nova forma de Filosofia primeira. Ao contrário desse ponto de vista, por exemplo, em *Metafísica*, VI, 1, Aristóteles é bem claro quanto ao fato de a Filosofia primeira constituir-se como um dos casos ou, em linguagem mais precisa, como uma das determinações da Metafísica e não o inverso, isto é, o desta apresentar-se como um caso ou uma determinação daquela, essa a razão pela qual ele pode referir-se à Metafísica como: (1) *Ciência dos primeiros princípios e das primeiras causas*, (2) *Ciência do Ser enquanto Ser*, (3) *Ciência da Substância* e (4) *Ciência da Substância separada e transcendente*, sendo esta última, e apenas ela, entendida como *Filosofia primeira* e, por conseguinte, como *Teologia*. É irrelevante, para o momento, o fato de aqueles três primeiros casos incluírem-se no quarto, assim como, em vista disso, a ambigüidade do último, esse no qual a Teologia, enquanto Filosofia primeira apresenta-se mais rigorosamente enquanto última; o que, não obstante, se justifica pelo fato de a mesma, como Filosofia primeira, apresentar-se na ordem ou segundo o modo do ser e, como última, na ordem ou segundo o modo do conhecer (abstraindo-se, neste caso, das três primeiras determinações acima elencadas, as quais poderão constituir-se como elementos da Metafísica enquanto *Ciência real*) – algo que será tematizado não apenas em uma época muito tardia, mas também de forma insuficiente e tão só por G. W. F. Hegel (1770-1831).

Neoplatonismo. Trad. Enrico Peroli. Milano: Vita e Pensiero, 1990. Vejam-se, especialmente, os seguintes capítulos: III. La subdivisione della filosofia teoretica (p. 119-152) e VII. “Metaphysica generalis” in Aristote? (p. 233-302).



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

§2

Afirmar que a *Epistème antigo-medieval* concebe a Metafísica enquanto Filosofia primeira, e a esta, por sua vez, como Teologia, não significa dizer, no entanto, que este será o significado homogêneo, por exemplo, desta última; a qual é concebida diversamente por platônicos, aristotélicos e cristãos – implicando isso no fato de que ela não necessariamente tem que ser primeira, devendo antes ser última ou mesmo absoluta, algo que, não obstante, não fora levado a termo em função das diversas tentativas de conciliação de Platão e de Aristóteles as quais tiveram lugar desde a primeira hora, por exemplo já no médio-platonismo e, sobretudo, com o neoplatônico Porfírio, fazendo com que se transmitisse ao medievo o pensamento platônico e o aristotélico em ótica unitária, fixando-se assim, por conseguinte, a equação: *Prima Philosophia sive Theologia*.

De acordo com Giuseppe Girgenti (2000), ao se constituir como uma mediação entre a chamada 'henologia' platônica e a por sua vez assim chamada 'ontologia' aristotélica, a Metafísica de Porfírio se apresenta como a base do neoplatonismo cristão-medieval. No dizer de Girgenti (2000, p. 153), Porfírio e os médio-platônicos utilizaram a lógica aristotélica como 'porta de acesso' ou preâmbulo à teologia platônica, assim afirma o pesquisador italiano:

Desde el punto de vista de la lógica aristotélica aparecía como urgente vincular los conceptos a la ontología (a las formas) e identificar estas últimas con las Ideas platónicas. Albino/Alcinoos, por ejemplo, distingue la Idea platónica como forma separada y trascendente (*choristos eidos*) de la forma aristotélica inmanente en la materia (*enulon eidos*). La primera es lo primero inteligible *ante rem*, la segunda es lo segundo inteligible *in re*. Existe luego el tercer tipo de inteligible, el *post rem*, que corresponde a los conceptos presentes a la mente humana. Porfírio se coloca explícitamente en esta línea, aun cuando al inicio de la *Isagogué* declara abstenerse a propósito de tratar este problema.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

De fato, em sua “Introdução às *Categorias* de Aristóteles”, a chamada *Isagoge*, Porfírio (2002, p. 35-36) afirma claramente que:

Antes de mais, no que tange aos gêneros e às espécies, acerca da questão de saber (1) se são realidades subsistentes em si mesmas ou se consistem apenas em simples conceitos mentais (2) ou, admitindo que sejam realidades subsistentes, se são corpóreas ou incorpóreas e, (3) neste último caso, se são separadas ou se existem nas coisas sensíveis e delas dependem, eu evitarei falar, porque tais questões representam uma pesquisa mais profunda e exigem uma outra investigação mais ampla; em compensação, procurarei mostrar-te, no que diz respeito aos gêneros, às espécies e aos outros [termos] em questão, como os antigos e, de modo particular, os Peripatéticos, trataram desses problemas de *um ponto de vista mais lógico*.

Embora se explique em função de uma finalidade pura e simplesmente didática e de sua limitação a um plano estritamente lógico, a referida abstenção de Porfírio deu margem ao surgimento de uma série de interpretações que, em se baseando cada vez mais e mais numa tradição que só se afirmava de modo tradicional – fundada única e exclusivamente em si mesma –, fizeram com que tanto o Uno platônico quanto o Ser enquanto Ser aristotélico fossem rebaixados àquilo que deles se podia captar ao nível dos meros gêneros e espécies, a começar pelo próprio Porfírio. Leiamos mais uma vez o que Girgenti (2000, p. 155; p. 157; p. 159) nos diz a esse respeito:

El comentario de Porfirio al *Parménides* de Platón nos ha llegado en cambio en fragmentos anónimos y ha sido identificado como porfiriano por Pierre Hadot⁸; este texto es importantísimo, ya que contiene una doctrina que constituye el fundamento teórico-teológico de la identidad de la filosofía de Platón y de Aristóteles. Se trata de la identificación del Uno y del Ser a nivel de Principio primero, doctrina que su maestro Plotino había rechazado ciertamente. Plotino, como se sabe, pone el Principio primero del Uno *sobre el Ser*, el cual se da (como género mezclado con la multiplicidad) sólo al nivel de la segunda Hipóstasis, al nivel del *Nous*. Solamente el Uno segundo, la unidad



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

de la Inteligencia que recibe en sí la multiplicidad de los inteligibles, es para Plotino «ser», «vida» y «pensamiento». La primera Hipóstasis es en cambio *supra-ser*, *supra-vivir*, *supra-pensar*. En este punto, con audácia para un representante del neoplatonismo, Porfirio se distancia del maestro.

(...)

El pasaje porfiriano más significativo es el siguiente:

"Fíjate ahora si no parece que Platón quiere hacer entender lo siguiente, que el Uno que está por encima de la sustancia y del ente, no es ni ente ni sustancia ni actividad, sino más bien que obra y es también El mismo el obrar; en consecuencia, Él mismo sería *el Ser que es anterior al Ente*; participando de este ser, por lo tanto, el Segundo Uno posee un ser derivado y esto es «participar del ente».

De allí se sigue que el Ser es doble: el primero preexiste al Ente, el segundo es producido por el Uno que está más allá Del Ente; y *el Uno es absolutamente él mismo el Ser*, de alguna manera es la Idea del Ente".

(...).

Porfirio es el primer autor que distingue el *Ser-infinito* (εἶναι) del *Ente-participio* (όν), identificando el primero con la primera Hipóstasis y el segundo con la segunda Hipóstasis. Pero para llegar a esta distinción, aplicada al Uno y a la Inteligencia, parte de la teología negativa.

Ao que tudo indica, a constituição da Epistème antigo-medieval, pelo menos no que toca às questões próprias da Metafísica, parece ancorar-se definitivamente no trabalho de Porfírio, em especial na identificação do Uno e do Ser-infinito (diríamos o próprio Ser enquanto Ser) ao nível da primeira hipóstase ou do Uno ele mesmo, assim como na distinção do Ser-infinito (propriamente o εἶναι) e do Ente-participio (por sua vez o óν) ao nível da segunda, precisamente a da Inteligência. Essa a equação que de ora avante terá desdobramentos interessantíssimos, resultando por um lado na Doutrina tomásica do *Esse*, mas de outro, na distinção de Avicena entre *Ser* e *Essência* e na de Duns Scot entre *Ser* e *Ser objetivo* ou



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

representado, com as quais a Epistème antigo-medieval inicia seu processo de dissolução ou de dessubstancialização. Para compreender melhor esse desenvolvimento, retomemos desde o seu início a questão ela mesma, isto é, aqui, a fundação platônica da Metafísica e a sua delimitação aristotélica.

§3

A fundação da Metafísica enquanto ciência rigorosa tem sido reconhecida como resultante dos esforços de Platão no sentido da projeção e da demonstração racional, pela primeira vez na História, da existência de uma realidade supra-sensível e transcendente – essa que se consuma nos quadros da chamada *Segunda navegação* (*Fédon*, 99cd). Aliás, estudiosos como Giovanni Reale (1997, p. 101ss) e seus seguidores ou simpatizantes chegam mesmo a afirmar que se encontra em Platão, e mais precisamente nas páginas do *Fédon* (para Reale: *Fédon*, 96a-102a; para nós, *Fédon*, 95e-107b), “a ‘magna charta’ da metafísica ocidental”; significando isso, evidentemente, que se pode encontrar no texto aludido as linhas gerais da Metafísica platônica, a saber; a *Teoria das Idéias*, a *Teoria dos Princípios* e a *Doutrina do Demiurgo*, assim como o modo exato de nosso acesso às realidades que, em cada caso, se apresentam à consideração.

É justamente no *Fédon* e mais precisamente nas passagens acima aludidas o lugar em que, pela primeira vez, Platão procede à sua famosa distinção entre o Sensível e o Inteligível, esse o primeiro passo e a condição *sine qua non* de todo o desenvolvimento posterior de uma *ciência propriamente metafísica*. Tal distinção, na medida em que ocorre no plano mesmo do Ser ou do real, nada tem a ver com aquela levada a cabo pelos modernos (mas iniciada com a cisão do Ser em *Ser* e *Ser objetivo* ou *representado* em Duns Scot), no plano do conhecer, entre um lado exterior – o mundo sensível e mais precisamente o objeto – e um lado interior – O Eu penso, a Consciência ou o Sujeito. Contudo, o elemento motivador da distinção platônica não é senão o problema da demonstração da imortalidade da alma,



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

tornada impossível em se seguindo os procedimentos então tradicionais e, precisamente, o método dos chamados *physiologi*, os físicos, por nós conhecidos como pré-socráticos, sobretudo em vista dos problemas de fundo colocados no âmbito da questão mais geral do problema da geração, da corrupção e do ser das coisas. Diante de tal problema, há que se levar em conta a correlação e mesmo a correspondência da exigência que Platão formula, pela boca de Símiias, em *Fédon* 85cd e os passos levados a termo, nesta mesma obra, a partir de 95e, sobretudo em 99cd e seguintes, 102a e seguintes e, finalmente, em 107b, quando, de certo modo, Platão remete-nos uma vez mais à exigência formulada em 85cd.

§4

Em vista do que até aqui foi dito, há que se reconhecer como fio condutor de todo o desenvolvimento do *Fédon*, portanto também da exigência de Símiias em 85cd, justamente aquilo que Platão põe na boca de Sócrates, em 85b, acerca de sua faculdade da adivinhação – essa que é capaz de receber a revelação ou a inspiração divina então dispensada por Apolo – e das obrigações que a acompanham; o que os participantes da discussão então em curso devem ter em conta quando quiserem falar e propor as questões que desejarem – algo do qual a exigência de Símiias não é mais que a expressão em termos *dianoéticos*. Esse o ponto a ser desenvolvido em nossa próxima aula, quando da leitura efetiva das passagens do *Fédon* mais acima aludidas.

§5

Referências:

APEL, K-O. Metaphysik und die transzendentalphilosophischen Paradigmen der Ersten Philosophie. In: HÖSLE, V. (Hrsg.). **Metaphysik**: Herausforderungen und Möglichkeiten. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2002, p. 1-29.



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Metafísica, Aula 07

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Metafísica, Aula 07, Lição V, 08 de abril de 2011. Guarapuava: Hyperapophysis, 2011.

APEL, K-O. Fundamentação última não-metafísica? In: STEIN, Ernildo e DE BONI, Luís Alberto (Org.). **Dialética e liberdade**. Petrópolis: Vozes, Porto alegre: Editora da UFRGS, 1993: (305-326).

ARISTOTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução brasileira de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

GIRGENTI, GIUSEPPE. La metafísica de porfirio como mediación entre la «henología» platónica y la «ontología» aristotélica: Base del neoplatonismo cristiano medieval. In: **Anuário Filosófico**, 2000, 33, 151-162.

MERLAN, PHILIP. **Dal Platonismo al Neoplatonismo**. Trad. Enrico Peroli. Milano: Vita e Pensiero, 1990.

PORFÍRIO DE TIRO. **Isagoge**. Introdução às *Categorias* de Aristóteles. Introdução, tradução e comentário de Bento Silva Santos. São Paulo: Attar, 2002.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1997.

FIM DO RESUMO!